

## A psicanálise e o mundo contemporâneo: de um mal-estar ao outro

Jean-Pierre Lebrun<sup>1</sup>

*Jean-Pierre Lebrun:* Dei como título *A psicanálise e o mundo contemporâneo*. Dei esse título porque há um tempo escrevi um livro que se chama *Um mundo sem limite* e que está traduzido para o português. Nesse livro eu tentei examinar as consequências das mudanças das sociedades em relação à subjetividade, ao aparelho psíquico. Então, 20 anos depois, essa questão continua atual. Inicialmente tudo isso nos ajuda a pensar e tentar ver as questões da sociedade e como as mesmas repercutem sobre o aparelho psíquico. Vamos tentar refazer isso e eu vou fazê-lo com as armas da psicanálise. Vocês sabem, no tocante à psicanálise, que foi Freud quem a inaugurou, e sabem também que tem a obra de Lacan, que retomou a obra de Freud diferentemente.

Nós podemos ver o que Lacan fez e escreveu a partir da forma como ele leu Freud. Como ele lê o seu aparelho psíquico se evidencia em seus *Escritos*, no modo como ele pensa a descoberta de Freud e o que descreveu como consequência do fato de que nós somos seres de linguagem. É completamente verdadeiro que nós somos os únicos animais que falamos, o que determina então uma série de consequências pelo fato de que nós somos seres de linguagem. Por exemplo, não temos respostas imediatas e nós nos constituímos por causa da questão da linguagem, o que implica a renúncia pulsional. A pulsão nunca é totalmente satisfeita em um ser humano. A pulsão passa pela linguagem, contrariamente ao estado animal, e não há de forma alguma satisfação total. A partir do momento em que falamos, estamos na descontinuidade e conseqüentemente no oposto do sensível, que é contínuo. Dizendo de outra maneira, pelo fato de falarmos, nós devemos endossar uma perda, pois a passagem do contínuo ao descontínuo implica uma perda. É a partir dessa perda real que se inscreverá no humano uma característica de desejo, ou seja, a falta simbólica do humano.

Na linguagem existem diferentes posições. A posição do locutor, daquele que fala, e do que ouve, o auditor. Pelo fato de falarmos, estamos sempre na incerteza de quem somos. A fala e a inacessível satisfação tornam o impossível sempre presente, e o ser humano se apropriará delas com suas características. A sua programação cerebral o torna capaz de falar. Apesar de termos essa capacidade de saída, é preciso que cada ser humano se aproprie da condição do humano. É isso que se dá desde a infância até idade adulta. A criança, o *infans*, aquele que ainda não fala, fará todo um trabalho para se apropriar disto – que é a condição humana. E, para fazê-lo, ela precisa dos primeiros outros que já falam antes dela, pois nenhuma criança chegará a falar se outros não falarem com ela e antes dela. Eu quero então dizer que a condição humana

---

<sup>1</sup> Psicanalista, Psiquiatra, Doutor em Medicina, membro da Associação Freudiana da Bélgica e um dos fundadores da Associação Lacaniana Internacional.

é a condição de um ser de linguagem, visto que há a necessidade, para que essa condição se transmita de geração em geração, desses primeiros outros que cercam o *infans* e vão transmitindo sem sabê-lo, de alguma forma, aquilo que a apropriação da linguagem exige.

Existe um elemento a mais a respeito do qual podemos nos perguntar: Como é que se faz para que os humanos sejam transmissores desde gerações? Como é que a sociedade humana, desde que ela existe, fez para continuar a transmitir isso que constitui o ser humano, o ser de linguagem? Bem, a isso nós podemos responder que desde muitos séculos se inventou uma ficção: a ficção de Deus e do humano, a ficção do pai. Ou seja, um meio de impor a lei, a lei da condição humana às gerações seguintes. Então, desde séculos, a geração dos pais acolhe a criança e se encarrega de alguma maneira de lhe transmitir as exigências da condição humana.

Freud precisou ainda mais essa questão, relativa a todas as coisas que chamei de exigências da linguagem. Existem interdições fundamentais: a interdição de comer o outro (antropofagia), a interdição do incesto e a interdição do assassinato. Freud atualizou esses três interditos: todos concordam com a interdição de antropofagia; a interdição do incesto não está muito estabilizada; sobre a interdição do assassinato, sempre se tem meios para contorná-la. Deste modo, há um trabalho de civilização que deve sempre estar sendo feito para que essas interdições possam ser aceitas. E vocês sabem o que acontece a respeito da interdição do incesto e do assassinato na história da criança, ao passo que a respeito da história coletiva do sujeito Freud remete ao pai de *Totem e Tabu*, visto que é a partir do ato do pai que se constitui a sociedade. Então, vê-se bem que existe a necessidade da transmissão da condição humana e que, nessa maneira de fazê-lo, o pai tem uma posição muito importante. O pai, tanto o pai do Édipo como o pai de *Totem e Tabu*, fará essa interdição, dado que ele é um pai ficcional que operará a interdição. Trata-se de uma ficção interditora; é uma ficção que interdita. E essa ficção recebe sua legitimidade de Deus. Bem, então vejamos como isso mantém em conjunto o humano, as pessoas, e, da mesma forma, o pai na família. E, ainda mais, podemos reconhecer a posição religiosa de Deus e dos deuses também no politeísmo. Ao mesmo tempo, a lei do pai e do patriarcado constitui um conjunto e assim funcionou durante séculos, ou seja, a lei do pai andando junto com o patriarcado. Deste modo, a lei do pai e o patriarcado andavam juntos durante séculos para ajudar os pais a transmitirem aos filhos as leis e as vicissitudes da condição humana.

De repente, tudo isso foi debilitado, apagado, desfeito, e essencialmente pela ciência, porque a ciência veio mostrar pelos números que as condições que tínhamos, a estrutura piramidal que sustentava a lei do pai, foram colocadas em questão. Dois exemplos: quando o Papa Urbano VIII recebe Galileu, este lhe diz que a maneira como ele concebe o mundo, que a terra é o centro e a mola do mundo, foi refutada pelos números, por seus cálculos. Dito de outra forma, a ficção que era transmitida pela religião é falsa. Então, em consequência, tudo teve que ser revisto a partir dos cálculos da ciência e isso se deu no século XVII, com o início da nova ciência. Outro exemplo muito atual: há pouco tempo ainda se dizia, segundo uma fórmula muito

conhecida, que a mãe é sempre certa e que o pai é incerto. Hoje a ciência refuta: a mãe pode ser o útero da vizinha, e com o teste genético se pode determinar quem é o pai. Trata-se de toda uma série de ficções que sustentava para cada criança e para cada ser humano a instauração desses interditos e da lei fundamental que foram completamente desfeitas. Dizendo de outra maneira, anteriormente tínhamos os meios pelos quais eram transmitidas as leis da condição humana e ainda tínhamos uma construção de ficção para nos ajudar. Hoje já não temos mais estes recursos, pois foram questionados e banidos pela ciência. Então, a questão agora, para nós, é: como vamos transmitir a condição humana a partir das novas condições?

O que estou dizendo parece bastante simples, espero! E se o que eu disse é preciso e justo, não podemos nos surpreender que estejamos um tanto aturdidos, completamente perturbados. Se quisermos ler o mundo contemporâneo e interpretar o que se passa, eu gostaria de acrescentar a vocês algo que se refere ao início da ciência e indagar também a respeito de que ponto que ela alcançou hoje. E isso já comporta cinco séculos, durante os quais fomos progressivamente liberados da tutela religiosa e, mais profundamente do que isso ainda, da heteronomia, ou seja, o mundo construído entre o divino e o humano. Entre Deus e os homens existiam escalões, Deus não era humano. E era essa heteronomia que dava legitimidade à diferença de classes, à aristocracia, à nobreza, enfim, a todas as diferenças sociais. Então, ao sermos liberados progressivamente desta heteronomia, conseqüentemente acontece que se chega então à autonomia. E com essa autonomia, os homens não querem mais se submeter ao que Deus quer, e, em contrapartida, doravante, eles devem se organizar entre si, e todos acham isso bom. Nós somos, então, todos iguais. Mas há uma diferença muito importante entre a heteronomia do mundo de ontem e o mundo misto no qual a autonomia deve ser liberada da heteronomia.

E no terceiro momento, que é o atual, no qual nos encontramos, de saída cada um é autônomo. Será que vocês percebem a diferença das três zonas: a heteronomia antiga, o mundo misto em que se libera da heteronomia para chegar à autonomia, e o mundo em que todos se creem espontaneamente autônomos? Bem, então se pode dizer que o mundo contemporâneo é um mundo em que todos se consideram espontaneamente autônomos. Esse mundo ao qual se tem acesso há trinta anos, quer dizer, é muito recente, não faz muito tempo, é o mundo no qual a criança chega e de imediato ela é reconhecida como autônoma. Guardem isso na memória, visto que vamos voltar a este ponto daqui a pouco.

Eu gostaria de retomar a mudança introduzida pelo desencantamento do mundo. Vocês perceberam, como já foi dito há pouco, que a maneira de transmitir a condição humana passava pelo pai, pela lei divina humana. Então, se eu declaro agora que o pai não é mais importante, que é uma ficção, eu deslegitimo completamente sua legitimidade em intervir, e, conseqüentemente, eu o deslegitimo como transmissor da condição humana. De certa maneira, porém, eu também deslegitimo Freud e sua versão do pai, que implica a interdição do incesto e a interdição do assassinato, no caso, a morte do pai. Então será que eu devo me inquietar com tudo is-

so? Bem, é justamente nesse aspecto que Lacan é interessante, pois ele vai nos levar a compreender, com a teoria da ciência, que não é somente o pai que é essencial, mas a linguagem, à qual deve se submeter a criança para poder desejar.

Eu penso que alguém como Colette Soler escreveu muito bem sobre isso em seu livro *O inconsciente reinventado*, no qual ela diz o seguinte:

É impressionante constatar que Lacan, a partir dos anos 1960, constrói sua teoria do objeto *a* e da castração sem recorrer ao pai. [...] A subtração primeira que recorta o objeto *a* é um efeito de linguagem que nada deve ao pai e tudo à entrada do sujeito natural na linguagem e à colocação em função de seus traços unários. [...] Logo, a castração não é um mito e sim um osso, dizia Lacan, ou seja, um real que nada deve ao pai bicho-papão. O pai não é o agente da castração<sup>2</sup>.

Essa última proposição talvez seja excessiva, visto que o que eu acabei de lhes dizer pode ser traduzido assim: o pai era o agente da castração no mundo de ontem, mas hoje ele perdeu sua função. É importante que reconheçamos que a castração não é uma questão relativa ao pai, mas à linguagem. Então, a questão que permanece sempre é a de saber como se transmite a castração, mas não de se apegar ao pai, e sim tomar esse pai como sendo um representante da linguagem. E, de repente, há psicanalistas que dizem: – Tudo vai bem! Mas o que é a linguagem? Porque todos falam, e se todos falam, então todos estão na castração. Qual é o problema? Mas é isso, há um problema, visto que a criança vai aprender o que é atinente à castração por meio daqueles que a transmitem. Então, a castração deve estar sempre no programa. Contudo, isso não significa que é só por falar que a criança seja castrada, pois não é só pelo fato de falar que ela se apropriou dessas leis que instituem a fala.

Então, temos aí esse aspecto da obra de Freud retomado e revisado por Lacan. Então, é justo reconhecer que se durante séculos o pai foi o agente da castração e se hoje ele não é mais em função do desenvolvimento da ciência, isso não queira dizer que o pai não tenha que transmitir a castração, castração esta ligada à nossa condição de seres falantes.

A respeito da condição dos seres falantes nos vem, portanto, uma nova questão: Como vamos transmitir a castração? É a questão que exige da linguagem sem ter o apoio do pai. Então, essa é a nova questão com a qual temos que nos haver hoje em dia. E eis por que muitas pessoas estão em dificuldades com essa transmissão, porque elas não têm mais as referências de ontem.

Eu lhes lembro de retomar aquilo que eu lhes havia dito de guardar na memória. Não apenas estamos em um mundo que deixou a heteronomia, que quis se liberar ao abandonar a heteronomia, mas estamos em um mundo que doravante se considera livre, autônomo. Então, cada criança que chega ao mundo hoje em dia, em nosso mundo, e talvez como aconteça na

---

<sup>2</sup> SOLER, Colette. *Lacan, o inconsciente reinventado*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012. p 162-163.

Europa, se acha liberada para a posição de autonomia, se sente autônoma. Deste modo, cada criança que chega ao mundo hoje em dia não tem mais pais que se sintam legitimados a lhe impor, a constrangê-la nessa posição de linguagem própria da condição humana. E isso muda alguma coisa de muito importante: é que então a criança não contesta mais os pais, ela não está mais na contestação, assim como se conhecia desde Platão. Existe um texto célebre de Platão, em que ele diz que as crianças não respeitam os deuses – isso está nos *Diálogos*<sup>3</sup> de Platão. E isso é alguma coisa que diz respeito à contestação.

Talvez algumas pessoas, inclusive as que estão nesta sala, contestaram seus pais, mas na medida em que eu contesto a autoridade dos pais, por exemplo, eu digo que não estou de acordo; no entanto, no mesmo movimento em que contesto, eu reconheço a autoridade daquele que contesto. Mas hoje não é isso que vemos em operação nas crianças. Não é mais a contestação, é a recusa. Na recusa não se diz mais “Eu não estou de acordo com você!”, mas se diz “Eu não quero saber de nada do que você disse! Você não tem nada a me dizer. Você não tem legitimidade para me impor alguma coisa”.

Desse modo, se o que eu digo para vocês se sustenta um tanto, o mundo contemporâneo que acaba por deslegitimar em razão de não haver mais a legitimidade tal qual ela funcionava pelo pai e pela religião, dada no passado pela religião e pelo discurso social e que hoje não é mais delegada aos pais, faz com que a criança tenha tanto poder para recusar e refutar a autoridade parental, que, então, tem o direito de recusar as leis da condição humana. Certamente, a criança não sabe que faz isso, mas esse ato coloca o seu aparelho psíquico na incapacidade de enfrentar ao que exige a condição humana. Ela não suportará a renúncia pulsional, que é justamente o que está implicado na condição humana e não aceitará a perda que deverá se inscrever, ou seja, ela não aceitará o impossível, ela não aceitará a irreversibilidade e o tempo. Ela será jogada na condição humana, mas sem ter sido ajudada pela geração anterior para se reapropriar do que essa condição exige. É aí que se pode dizer que há alguma coisa no mundo contemporâneo que a Psicanálise, com sua teoria sobre essa condição humana – que é a condição da linguagem –, pode esclarecer algo. Com isso também se pode compreender por que tantos pais que foram largados de mão pelo discurso social não têm mais esse apoio da legitimidade para impor às crianças. Ou, ao contrário, que as próprias crianças se sentem abandonadas, porque elas não têm mais apoio desses primeiros outros que as cercam, que tinham a obrigação, ou melhor, a tarefa de auxiliá-las a integrar essas leis da condição humana.

---

<sup>3</sup> PLATÃO. República, 395d-e (Sócrates – Sendo assim, não permitiremos que aqueles de quem pretendemos ocupar-nos e que necessitam tomar-se homens superiores, imitem, eles que são homens, uma mulher, jovem ou velha, ou injuriando o marido, ou rivalizando com os deuses, ou se vangloriando da felicidade, ou deixando-se dominar pela desgraça, pelo desgosto e pelas lamentações; com mais razão ainda, não podemos admitir que a imitem se está doente, apaixonada ou sofrendo as dores do parto).

Em um livro, que está traduzido no Brasil, intitulado *As cores do incesto*<sup>4</sup>, eu escrevi que há duas coisas incontornáveis, que são sempre necessárias à criança, que talvez possam auxiliar nas questões de prevenção.

Essas duas coisas são: em primeiro lugar é preciso, no início da vida, a presença dos pais, a presença da fala da mãe, a presença do outro. É necessário que essa prevalência da presença no início da vida seja substituída pela prevalência da ausência. No início da vida, um lactente sozinho não existe, está condenado à morte. Então, é absolutamente necessária, no início da vida, a presença, mas essa presença não pode se manter apenas como presença. Não só é necessário que a ausência venha no lugar da presença, mas é necessário que se inscreva no aparelho psíquico que a ausência é mais importante que a presença. Por que é importante essa dialética presença-ausência? Porque é isso a linguagem. É fazer vir alguma coisa que não está aí. Mas, a partir dessa imensa vantagem que temos em mãos da condição humana, que é fazer vir uma coisa que não está aí, se paga o preço: é que quando o objeto está aí, ele não traz a plena satisfação. Então, é com os pais, mais particularmente com a mãe, que acontece essa presença que constitui a ausência: o pai e a mãe que fazem a dialética entre a presença e a ausência. Vocês compreendem de imediato que se o pai não é mais tão operante, não é operante como antes, é a ausência que não é mais operante hoje. Nesta polaridade é o polo da ausência que hoje em dia não é mais tão potente. Então isso terá consequências sobre a forma como as leis da linguagem serão introjetadas pelo sujeito, visto que toda a dimensão da ausência está frágil. E se, além disso, vocês acrescentam o fato de que, em nossa sociedade de consumo, se vende todo o tempo a presença do objeto, então se esquece sem cessar de que o objeto não está presente.

É preciso uma segunda condição para que a criança cresça. É que a criança, no início da vida, é maravilha do mundo para seus pais. E ser essa maravilha do mundo é bem útil para a criança, pois se ela não for essa maravilha para a mãe e para os pais, ela estará na carência dos cuidados maternos e paternos – o que não impede que essa maravilha do mundo para os pais não deva se manter assim. É preciso que a criança aceite ser alguém como qualquer outro. E aí também, dado que a legitimidade dos pais se desfez, eles não se ocupam mais de exigir que a criança cresça. Eles estão muito mais inquietos com o fato de que a criança não os ame mais, e em decorrência disso eles não têm mais a capacidade de exigir da criança que esta se submeta às leis da linguagem. E, dessa maneira, a criança se mantém na sua onipotência narcísica que não é mais do que a reedição da onipotência narcísica dos pais. Vejam bem que essas duas condições necessárias para que a criança cresça foram desfeitas por este discurso social. Qual a consequência de tudo isso? A consequência é que isso produz uma nova clínica. Uma clínica que não é mais a da neurose, psicose e perversão como aquela que conhecíamos, mesmo que continue em operação. A criança então pode recusar os pais, visto que ela pode justamente recusar a ausência. Se a criança recusa a ausência, qual é o efeito? O efeito imediato é que a cri-

---

<sup>4</sup> Lebrun, J.-P. *As cores do incesto*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife; Libertas, 2011.

ança será cada vez mais incapaz de suportar a subtração do gozo, condição única do ser falante, do ser humano. E eis por que muitas crianças atualmente exigem o imediatismo. Isso continua a ocorrer nelas na forma de uma necessidade de obter a satisfação imediata. As crianças então se tornam intolerantes àquilo que a mediação da linguagem impõe.

Como é que tudo isso vai se traduzir? Então, eu vou dar exemplos. A adesividade à mãe, colados, aderidos à mãe, com intolerância de não ter a resposta de imediato e com a entrega à impulsividade. Estar adesivado à mãe é o que chamamos de modelo de adição, de aderência ao objeto. Uma paixão pela demanda. Adesivados à demanda, eles vão pedir tudo a todo tempo. Trata-se da incapacidade de conceber o terceiro sem a presença real do outro, com sua propriedade corporal. Parte-se rapidamente para que cada um tenha seu corpo, tenha relação com o outro. A criança que sofre, sofre do corpo da mãe, não do corpo próprio. Outro traço, que é a consequência disso, é uma ausência de individuação. A individuação é esse sujeito como se ele não fosse separado do outro, essa é a outra consequência. Esses são alguns traços do que eu chamo a clínica do incestual. Essa clínica do incestual não é a clínica do incesto realizado efetivamente. É a clínica dessa colagem da primeira relação da mãe com a criança, da qual a criança não consegue sair. Nessa clínica da colagem da mãe com a criança não se sabe mais quem comanda; da mesma forma no coletivo, não se sabe mais quem comanda. É algo que se observa atualmente na França e não sei como é no Brasil, na atual onda política. Chamo isso a clínica do pântano, porque não se sabe muito bem onde se está, quem comanda. Na verdade, são duas clínicas: a incestual e a do pântano.

Essas clínicas, no meu entender, são oriundas da crise na humanização. Justamente, por que há crise? Porque o antigo mundo desapareceu, está desaparecendo, o mundo da heteronomia, da pirâmide, da heteronomia do indivíduo e do humano, da ausência do rei; quem é o rei e quem é o súdito; é o desaparecimento da pirâmide. Esse mundo está desaparecendo e com ele também estão desaparecendo as leis relativas à transmissão. Nós estamos vivendo num velho mundo que desaparece e num novo mundo que ainda não nasceu. Bem, o mundo que ainda não nasceu vai dar as referências de como será transmitida a condição humana por novas formas que não sejam as de antes, as de ontem. Daí então a crise de humanização.

É por isso que gosto muito de retomar esses dois mundos diferentes: o da heteronomia e o misto. Esse misto em que a autonomia vai deixar a heteronomia, e o mundo da autonomia adquirida de imediato, de saída. Então, se nós lermos coisas deste modo, nós nos damos conta de que temos muito trabalho a fazer. É todo um trabalho de pensar como a humanização vai se dar daqui para frente, visto que não é a mesma coisa ter nascido no mundo de ontem, em que vocês tinham que se confrontar com as gerações anteriores que iriam lhes impor certas condições e no mundo de hoje, em que a criança nasce e é atirada na piscina ou jogada ao fogo e lhe dizem: – Te vira, tu és autônoma, vai em frente! Então, tudo isso nos obriga a olhar os desvarios do sujeito de hoje. Alguns são tomados nesses desvarios porque a modalidade paterna não

existe mais. E, para outros, ao contrário, isso não é tão grave. Então, é preciso que pensemos em como permitir que esses indivíduos se individualizem. Bem, vou concluir, porque agora eu estou quase no final, e pergunto se nós vamos trocar perguntas. Como vai ser feito?

*Conceição de Fátima Beltrão Fleig:* Sim, Jean-Pierre, depois teremos questões.

*J.-P. Lebrun:* Eu lhe digo isso porque o que eu lhes trouxe vai mudar alguma coisa na forma como os psicanalistas, os terapeutas, os psis trabalham. Se vocês pensam nisso que eu disse da presença e da ausência, no tempo de Freud e após Freud a ausência era garantida no discurso social. Por exemplo, eram os provérbios que as pessoas mais antigas usavam e neles já apareciam as ausências.

*C.F.B. Fleig:* Talvez tenhamos que citar provérbios brasileiros. Por exemplo: “Nunca se sabe o que vai acontecer amanhã”.

*J.-P. Lebrun:* Eis aí um bom provérbio mostrando a questão da ausência.

*Plateia:* “Quem vai ao ar, perde o lugar”.

*J.-P. Lebrun:* “Quem vai à caça, perde seu lugar”, em francês. Este também tem a ausência. Desta forma, quando o paciente chega ao analista, ele encontra a ausência no silêncio do analista. Hoje a ausência não está mais no programa social e é substituída pela presença, então, se ao chegar ao analista o paciente encontra a ausência, porque aquilo que o leva ao analista é uma ausência, o que se passa? E hoje, ao contrário, como a ausência não está mais no programa, é preciso repassar pela presença para reintroduzir a ausência. É preciso aceitar os interditos. Então, a questão hoje é como o analista pode operar com a questão da presença e da ausência. Como o analista vai dar a sua presença para introduzir a ausência? Como ele poderia dar a sua presença? Até que ponto ele pode dar sua presença? Conversando, por exemplo, falando, fazendo trocas com o paciente. Com sua fala, o analista poderá dar sua presença e, por este modo, instaurar a ausência para o analisante. Isso recoloca toda uma questão de técnica psicanalítica. Então, a análise num mundo dito contemporâneo é isso. O que é que o mundo contemporâneo está criando, da parte dos analisantes, para a clínica? E que consequências decorrem disso para nossa maneira de funcionar? É isso. Vocês têm perguntas?

*Mario Fleig:* Eu tenho uma questão para colocar, Jean-Pierre. O que se passa do lado do gozo e do desejo na questão relativa ao sujeito nessa nova posição subjetiva que tu tão bem descreveste? Quando vieste a Porto Alegre, na UNISINOS, para falar de *As cores do incesto*, e depois sobre o *Mal-estar na subjetivação*, e igualmente em teu livro a *Clínica da instituição*, falas muito do que Lacan chama a degenerescência catastrófica. Então a minha pergunta, a partir deste ponto: como situas a questão do gozo e do desejo nesta nova posição subjetiva? E também, quais são os efeitos disso em nosso trabalho clínico?

*C.F.B. Fleig:* Eu tenho uma pergunta. Quando tu falas da presença e da ausência e também desta clínica contemporânea, como podemos pensar o silêncio do analista?



*Návia Pattussi:* Tenho uma pergunta a respeito da dialética da presença e da ausência. O que seria considerada uma presença e uma ausência efetiva, operante, tanto por parte da mãe quanto do pai?

*Viviane Dall'Agnol:* Essa fala do senhor, colocando como está o sujeito contemporâneo, lembrou-me muito do que tenho escutado sobre o sujeito no autismo e o grande número de autistas ou de pessoas com o diagnóstico de autismo. Faz lembrar muito essa forma de estar no mundo. Eu gostaria de ouvir algo sobre isso, a sua opinião sobre isso.

*Maria Marta S. V. de Oliveira:* Uma questão, Sr. Lebrun. A sua formulação sobre a recusa me fez pensar muito, porque ao mesmo tempo em que se veem crianças e mães coladas na cama, ou seja, mães que não colocam seus filhos em outro quarto ou em outra cama, também se vê crianças largadas, largadas durante o dia em nível simbólico, que não têm referências para saber o que fazer e o que não fazer. Então ou coladas em suas mães durante a noite, ou sem referências durante o dia, sem saber como se comportar, sem escutar a professora na escola ou os adultos, elas não têm referência simbólica. Coloca-me uma questão sobre o corpo da criança, esta agitação que faz parte de uma clínica, e as mães que não organizam a capacidade que a criança pode ter com seu corpo. Pensei em tudo isso a partir do que o senhor falou, se o senhor podia falar algo sobre isso.

*Izabel Dal Pont:* Bom dia. Primeiro eu gostaria de agradecer muito a sua fala, a partir do que podemos fazer muitas discussões colaterais e pensar muito acerca do que o senhor nos traz. Uma das questões que nos colocou foi pensar a questão proposta por Lacan, para pensar a questão do pai humilhado e também nos fez remeter a pensar algo do seu texto sobre a função paterna operada pela mãe. Eu gostaria também de pensar exatamente de que presença o senhor está nos falando, já que a presença e a ausência estiveram desde sempre na obra de Freud, em relação ao Fort-Da, por exemplo, pois há uma sutileza no que o senhor diz para pensar de que presença que estamos falando.

*N. Pattussi:* Se hoje a referência em relação aos pais mudou, como o senhor vê a questão da internet, dos jogos, que saber está ali para as crianças? A condição humana estaria em outra posição, uma outra ordem. As crianças estão, isso eu falo pela clínica, se identificando com os personagens dos jogos, youtubers e não com o humano. Como o senhor vê isso, os efeitos das mães que colocam os filhos na frente do computador?

*J.-P. Lebrun:* Podemos parar por aí, não? Obrigado por todas suas questões, que são muito pertinentes. Vou retomar rapidamente na ordem. A questão de Mario sobre o gozo e o desejo é efetivamente pertinente. Poder-se-ia dizer que o eixo da clínica anteriormente era, sobretudo, em torno da questão do desejo, que ia ao encontro da questão do conflito psíquico. Justamente, a partir do enfraquecimento dessa compreensão simbólica, hoje é mais no real do gozo que está em questão. Para dizer de uma forma simplista: ontem, como é que podíamos lidar com desejos contraditórios? Essa era a questão da clínica de ontem. Hoje, como sustentar

um desejo que está tão tomado e absorvido pelo gozo? É toda a questão do corpo; como se dá em relação ao aparelho psíquico. Esse ponto do deslocamento do eixo é muito importante. As pessoas hoje não vêm mais falar da questão conflitual do desejo, mas vêm justamente perguntar: o que é desejar? Será que ainda tem esse lugar para desejar? O que eu faço para conseguir desejar um pouco? É justamente por esse aspecto que a adição se tornou enorme, imensa. E quando a adição é a palavra-mestre no funcionamento psíquico de alguém, a questão é como poder lhe dar um pouco de espaço para poder desejar, porque ceder à adição não é desejar.

Daí então a questão da degenerescência catastrófica de que Mario falou, trazida por Lacan. Lacan se perguntava se “nomear para” hoje não viria no lugar do ‘Nome-do-Pai’. Eu vou enviar para vocês um artigo que eu escrevi sobre isso, que é muito mais claro do que eu estou conseguindo dizer agora. Um artigo muito preciso sobre “nomear para”. Eu não creio que se deve atribuir ao termo “degenerescência catastrófica” um veredicto. É uma questão e não um veredito, diz Lacan. Bem, creio que a pergunta de Mario é pertinente, porque nós passamos de uma clínica do desejo a uma clínica do gozo.

Sobre a questão da presença-ausência e como pensar a questão do silêncio do analista. O silêncio do psiquiatra é um silêncio que sabe, seu conhecimento médico é silencioso, mas ele sabe o que se passa com o paciente. O psiquiatra, se ele não fala, dentro de sua cabeça ele sabe. O psicanalista não sabe. O silêncio do psicanalista é um silêncio que convida o sujeito a dizer mais. O silêncio do psicanalista no mundo social de ontem diz de alguma forma que existe uma verdade em você, e que se trata de procurá-la. O silêncio do analista hoje, às vezes, pode ser um simples buraco, nada. A presença do analista não é suficiente para sustentar essa ausência e buscar a verdade. A fala do analista pode atualizar a ausência. É por isso que a fala do analista, o valor da fala, da troca, pode muito bem ser necessária hoje, uma verdadeira troca, já que o analista se encarrega da introdução, da marcação da ausência. A questão de hoje é como a presença vai reemergir da ausência.

Bem, então ainda temos a questão sobre a presença e a ausência ligadas à mãe e ao pai. No mundo de ontem era a mãe que se encarregava da presença, ela tinha essa tarefa, mas a mãe não é apenas presença. As questões são interessantes, vou escrever e enviar as respostas.

Então, a função do pai não é mais como anteriormente, e tanto mais nos interessamos pela função da mãe, pela função paterna da mãe como alguém disse, porque é uma coisa pouco conhecida, mas muito importante. Na medida em que a criança é levada pela mãe em seu ventre, ela ouve uma gama de tonalidades, e a partir de seu nascimento ela vai poder distinguir, a partir dessas tonalidades, o que vai se constituir como significantes. Pode-se dizer que essa é uma função paterna da mãe e é isso que introduz a criança na linguagem.

*C.F.B. Fleig:* Bem, vou passar para Mario, Jean-Pierre.

*J.-P. Lebrun:* Muito obrigado pela tradução.

*M. Fleig:* Jean-Pierre, agradeço muito por esse enorme trabalho, como uma introdução precisa e oportuna à Especialização *Psicanálise, técnica e teoria*. Tínhamos no início a questão: “Por que ainda hoje a Psicanálise?”. Grato pela resposta justa que hoje nos deste. Até a próxima!

*J.-P. Lebrun:* Até a próxima! Eu vou enviar os textos.

(Conferência proferida no quadro da Pós-Graduação/Especialização *Psicanálise, técnica e teoria* na Unisinos/Porto Alegre, com apoio da Escola de Estudos Psicanalíticos, em 01.04.2017. Texto preparado por Aristela Barcellos De Andrades e Elenice Cazanatto, âncoras de *Scriptura 13*, em curso; e Mario Fleig).